

Ensaio

## NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE GRUPOS, TRANSFERÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES

Elsa Vera Kunze Post Susemihl<sup>1</sup>

Agradeço o convite do BOLETIM! Ocuparei este espaço com reflexões a respeito do tema do próximo Colóquio do nosso Departamento: a transferência na clínica com crianças. O convite foi feito a partir de uma publicação de 1996 que fiz na nossa antiga revista, *Espaço Criança*, *O grupo psicanalítico e o infantil em psicanálise*.

Retomo neste breve ensaio ideias que desenvolvi ali sobre psicanálise no *setting* grupal e com crianças, chamando a atenção para uma particularidade da transferência nestes casos, e complemento com reflexões sobre o conceito de transferência a partir de alguns vértices teóricos diferentes.

Ocupei-me então com a possibilidade de um trabalho psicanalítico em um *setting* grupal e com uma concepção teórica e clínica sobre ele. Iniciei o trabalho ressaltando que a descoberta da psicanálise se deu em um campo transferencial que se apresentou em um vínculo terapêutico, isto é, ao longo do trabalho de uma dupla. A elaboração clínica e teórica voltou-se por muito tempo principalmente para a mente e o inconsciente de um indivíduo isolado, do analisando, ainda assim a presença do outro, do analista, sempre foi imprescindível para este conhecimento. Adendo a esta idéia outra expressa por Freud na introdução de *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), quando indica a dificuldade em se pensar o indivíduo abstraindo-se dele seu grupo: “(...)desde o começo a psicologia individual (...) é ao mesmo tempo também psicologia social”, ideia que muito cedo nos indica a direção de muitos desdobramentos futuros da psicanálise. Sigo ainda com Freud, lembrando seu texto *Totem e Tabu* (1913), no qual nos mostra a origem do sujeito psíquico no seu entrelaçamento profundo com a origem do social, aqui pensada filogeneticamente, quando o sujeito nasce como tal no ato inaugural da cultura. Mas que pode ser visto também ontogeneticamente ao observarmos o bebê que só se desenvolve física e psiquicamente a partir de sua relação com o outro, com a mãe (o social, a cultura).

Bion, um autor que nos deixou um belíssimo estudo psicanalítico sobre o funcionamento grupal, o resume da seguinte forma: “Toda pessoa que tenha empregado uma técnica de investigação que depende da presença de duas pessoas, e a psicanálise é uma técnica dessas, pode considerar-se como alguém que não somente está participando da investigação de uma mente por outra, mas também está investigando a mentalidade tanto de um grupo como também de uma dupla” (Bion, 1961).

Tendo esclarecido que o dispositivo grupal se presta ao estudo de fenômenos concernentes ao campo psicanalítico surgem inúmeras questões a respeito do seu manejo clínico, de como podemos pensar o trabalho psicanalítico com pacientes em grupo. E aqui chegamos ao tema da transferência no trabalho com crianças e com crianças em grupo.

---

<sup>1</sup>Psicóloga, psicanalista, membro Departamento de Psicanálise da Criança, Professora do curso de Especialização de Psicanálise da Criança e dos cursos de extensão “Leituras Psicanalíticas do Brincar” e “Psicanálise da criança: configuração de um Campo”. Membro efetivo e docente da SBPSP e membro da IPA

Há mais de cem anos, quando Freud se deu conta da importância deste fenômeno clinicamente, a transferência foi por ele descrita em um campo que abarcava principalmente as neuroses. Assim ela foi definida como uma repetição, na análise com o analista, de padrões de relacionamento emocional com os objetos primários e figuras do passado. Geralmente relações problemáticas, neuróticas ou traumáticas, que foram recalçadas e passavam então a serem atuadas no presente da relação analítica. Sua condição sintomática era impeditiva de um simples esquecimento ou lembrança. Falamos aqui de pacientes neuróticos que apesar do sofrimento e da sintomatologia apresentavam uma estrutura psíquica desenvolvida, um aparelho psíquico estruturado em consciente e inconsciente, e um processo de recalque, censura e resistência em andamento.

Nesses anos que nos separam destas concepções originais de Freud novos campos clínicos e teóricos foram sendo conquistados pela psicanálise o que por sua vez também levou a reformulações dos conceitos originais, às vezes levando a um grande esgarçamento dos mesmos. Tratei em detalhe deste tema em outro lugar (Susemihl, 2008), mas pinçarei aqui algumas ideias que nos ajudam a pensar a transferência no trabalho com crianças.

Como é possível transferir um passado, quando no caso das crianças este passado, a relação com os objetos primários, ainda é presente? Cito então Klein, a desbravadora do campo da psicanálise com crianças, em cujo trabalho gradualmente se desenvolve uma noção de transferência diferente daquela descrita por Freud e à qual ela passa a chamar de 'situação transferencial'. Resumidamente Klein entende que na análise de crianças e também de adultos o sujeito transfere a relação que tem com os objetos internos no seu mundo interno para os diferentes objetos do mundo externo, ou seja, a transferência é do mundo interno atual para toda a situação analítica, que compreende a totalidade dos eventos emocionais em jogo no seu encontro com o analista. O passado está presente nestas relações objetivas internas e, neste sentido, apresenta-se diretamente nesta transferência. A partir deste alargamento no campo, Klein trouxe para a clínica psicanalítica e para a 'transferência' o mundo da psicose. A busca por um passado e uma história é menos importante do que a análise das relações objetivas atuantes no presente, elas próprias entendidas como o passado vivo e aquele que precisa ser pensado.

Mais um passo importante foi dado por Bion (1962) quando desenvolve o potencial comunicativo presente na concepção de identificação projetiva descrita por Klein. A partir da sua clínica com psicóticos faz um minucioso estudo do funcionamento da personalidade psicótica, mostrando como neste caso é necessário pensar além dos conteúdos psíquicos da mente passíveis de recalque e interpretação, mas também é necessário considerar a própria construção do aparelho psíquico para pensar os pensamentos. No funcionamento de personalidade psicótica não há um aparelho psíquico estruturado em um consciente separado de um inconsciente por uma censura, capaz de conter e recalcar pensamentos. Ao contrário, estamos diante de um aparelho psíquico com contornos de muita permeabilidade que contém conteúdos não suficientemente trabalhados ou 'digeridos' pela função alfa para se tornarem conscientes ou inconscientes, mas que antes funcionam como conteúdos próprios para serem expelidos da mente criando um mundo alucinatório e um modo concreto e delirante de pensamento próprio do mundo psicótico.

Neste sentido, Bion (1965) em um estudo aprofundado sobre observação em psicanálise passa a falar das diferentes modalidades de transformação que o paciente faz

da realidade na qual vive. Um caso particular destas é a transferência tal qual Freud a descreveu, aqui chamada de 'transformação em movimento rígido'. Uma outra possibilidade é a 'transformação projetiva', mais apropriada para descrever o que ocorre no contato com o paciente dominado pelo funcionamento psicótico e pelo uso excessivo da identificação projetiva. Bion lança luz sobre a relação emocional profunda em andamento na dupla analista-analisando, mostrando como o analista está imerso no próprio campo observacional. Este fato uma vez observado abre muitas questões novas e importantes teoricamente e na clínica, na medida em que o analista deixa de se colocar em uma posição confortável, exterior ao campo de observação, mas agora se vê dentro e imerso na experiência emocional da qual faz parte. A transferência não é mais vista como um processo que incide sobre uma pessoa neutra, mas é parte de um interjogo extremamente dinâmico de identificações projetivas cruzadas, que o analista através da sua função alfa 'digere' e devolve ao analisando.

Guiando-nos pelos autores que escolhi por darem importantes contribuições para o desenvolvimento da psicanálise e que resultaram em desenvolvimentos também conceituais, podemos notar então que os diferentes sistemas conceituais referem-se e fazem sentido nos diferentes campos de observação presentes. Apoio-me agora na contribuição de um autor já conhecido dos leitores deste BOLETIM pelo *Diálogos* que fiz com Ester Sandler sobre ele (ver *Diálogos*, ano VI, n. 13, 2008), Antonino Ferro (1997), quando propõe tratar estas diferenças conceituais não como excludentes, mas, ao contrário, como aproximações a partir de vértices diferentes, cada um deles podendo ser útil e em evidência em determinada situação clínica. Ele se refere à transferência tal como Freud a descreveu como o vértice da História, à 'situação transferencial' descrita por Klein como sendo o vértice do Mundo Interno, e às ideias de Bion como o vértice da Relação.

Como pensar estas reflexões no grupo psicanalítico?

O vértice da História, ou a transferência tal qual Freud a definiu, empobrece o dispositivo grupal por estar muito voltado ao indivíduo, seu passado, sua transferência – a sua aplicação ao grupal resultaria em um trabalho individual em grupo. O mesmo poderia ser dito a respeito do vértice do Mundo Interno, caso ele fosse tomado somente pela transferência individual de cada participante na situação de grupo.

No entanto, a partir das contribuições de Bion (1961), aprendemos que em um grupo, principalmente em um grupo psicanalítico que mantém algumas regras básicas, o indivíduo participa involuntariamente de certas configurações grupais típicas, os 'pressupostos básicos', que são defesas grupais diante de ansiedades muito primitivas despertadas por essa mesma experiência grupal. A participação nessa 'defesa coletiva' não se dá por uma escolha consciente do indivíduo, mas ele se vê compelido inconscientemente a participar do movimento grupal. Bion indica um tipo de funcionamento muito arcaico originário da nossa condição de ser gregário. Penso então que: "O analista teria como função estar atento ao jogo transferencial que se estabelece no campo grupal, explicitando-o sempre que for possível no sentido de propiciar experiência e conhecimento. O grupo passa então a ser cultivado como espaço possível de encenação de dramas e cenas, bem com de reintegração de experiências emocionais significativas. Na medida em que ele se torna um espaço capaz de conter angústias fortes e transformá-las em experiências significativas emocionalmente, torna-se também um parâmetro/modelo para o ego. A introjeção desta experiência grupal fortalece o ego dos

participantes, preparando-o para sua tarefa básica, qual seja, dominar a angústia e logo apurar o contato com a realidade”.(Susemihl, 1996).

Neste mesmo trabalho ressaltou ainda uma particularidade transferencial grupal por mim estudada em outro lugar (1996), a de que há no trabalho com grupos uma transferência em relação a um objeto-interno-grupo, quando o grupo externo real passa a ter um correspondente interno psíquico que denomino objeto-interno-grupo. “Essa representação interna do grupo como um todo seria a introjeção da experiência emocional grupal sob a égide de um funcionamento mental regredido e primitivo, sendo que este objeto-interno-grupo sofre desta forma em termos da realidade psíquica as mesmas vicissitudes de tantos outros objetos internos” (1996). E ainda:

(...).considero a transferência do indivíduo com essa representação do grupo como um todo, com este objeto-interno-grupo, a crença neste algo impessoalmente constituído e do qual é esperado algum tipo de realização, de fundamental importância teórica e técnica no trabalho analítico com grupos...o que distingue e particulariza estes momentos é que a relação do indivíduo com o grupo não mais se encontra desenvolvida o suficiente para que possa ser personalizada ou individualizada, isto é, pensada em termos de relação interpessoal entre indivíduos discriminados e separados. A regressão, dada pelas fortes ansiedades psicóticas despertadas no contato não diretivo, ansiedades de perda da individualidade, de fragmentação e de despersonalização, vividas como forte ameaça à integração do ego, levam o indivíduo de volta a uma relação na qual as diferenças entre interno-externo, sujeito-objeto, eu-outro não são precisas nem objetivas. A relação objetal é parcializada e cindida com o propósito de proteção dos ataques e ameaças reais ou fantasiados (...) sendo que a relação primordial estabelecida é com algo representado como grupo, e que vai se constituindo num objeto-interno-grupo. Através da elaboração no grupo deste objeto-interno-grupo é propiciada ao indivíduo a possibilidade de uma integração e de desenvolvimento.

(Susemihl, 1996).

Acrescentaria ainda ao final que o trabalho em um *setting* grupal pode propiciar um espaço no qual as ansiedades e conflitos das diferentes crianças possam receber abrigo, e na medida em que brincam, inventam, fantasiam, criam, elas podem juntas construir novas narrativas (Ferro) através do exercício da função alfa, `digerindo` seus medos, conflitos e angústias, introjetando esta experiência, se desenvolvendo e desenvolvendo seu aparelho mental para pensar.

*PARA CONTINUAR A CONVERSA: esusemihl@gmail.com*

Referências bibliográficas:

Bion, W. R. (1961) *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 54 e 129.

Bion, W. R. (1962) *Learning from experience*. London: Heinemann Medical Books.

Bion, W. R. (1965) *Transformations: Change from learning to growth*. London: einemann Medical Books.

Ferro, A. (1997) *Na sala de análise*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

Freud, S. (1921) *Psicologia de grupos e análise do ego*. Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de S.F., v. XVIII, p. 81. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913) *Totem e Tabu*, Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de S.F.,v. XIII. Rio de Janeiro: Imago.

Susemihl, E. V. K. P. (1996) *O grupo psicanalítico e o infantil em psicanálise*, in Revista Espaço Criança, v. II, n. I. São Paulo: Curso de Psicoterapia Psicanalítica da Criança, Instituto Sedes Sapientiae.

Susemihl, E. V. K. P. (2008) *Sobre transferências e transformações*, in Jornal de Psicanálise, v. 41, n. 75. São Paulo: Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Susemihl, E. V. K. P. (1996) *The group as an idealized internal object*. In International Journal of Group Psychotherapy, 46 (3), 1996, pp. 425-431.